



## REPORTAGEM ESPECIAL

# Expansão industrial e inovação tecnológica revolucionam Passo Fundo

*Maior município do Norte do Estado, Passo Fundo concentra a segunda maior arrecadação industrial da região. Com obras de infraestrutura em seus dois distritos industriais, a cidade busca responder a antigas demandas do setor, a fim de estimular o crescimento, movido, principalmente, por expansões de grandes empresas do ramo de economia verde e energias renováveis. Ao mesmo tempo, a UPF prepara um “distrito da inovação”, que promete transformar o ecossistema tecnológico regional.*

LEIA NAS PÁGINAS 6 A 9

## Empresas familiares: como alinhar expectativas

**Jordano Rischter**

Headhunter e sócio da Wide Executive Search

Empresas familiares carregam em seu DNA uma história, um legado e, muitas vezes, uma cultura que, ao mesmo tempo que pode ser uma força inestimável, também pode se tornar um desafio gigante na hora de atrair e reter executivos que não carregam o mesmo sobrenome. A desconexão entre o que é prometido em um anúncio de vaga e a realidade vivida no dia a dia é uma das maiores causas de insatisfação e rotatividade, o que pode ser resolvido através de uma palavra-chave: transparência.

Um bom salário já deixou, há muito tempo, de ser o único fator relevante considerado em um processo seletivo. O propósito no que se faz, a valorização pelos esforços e um ambiente acolhedor e inspirador vêm se tornando características estratégicas nesse sentido – mas que, nem sempre, são claramente alinhadas entre as partes desde o primeiro contato.

Quantas vezes já não vimos, por exemplo, uma empresa contratar um diretor, mas não lhe dar a autonomia necessária para executar suas responsabilidades? Essa falta de clareza e transparência sobre o que se espera do novo contratado e da própria maturidade corporativa abre margem para frustrações e choques de cultura com os times, vendendo uma organização que não reflete sua realidade. Isso não apenas dificulta a retenção das equipes, como também pode prejudicar a imagem da marca no mercado e, consequentemente, o interesse de novos executivos em fazerem parte daquele ambiente.

Essas dificuldades fazem com que, segundo dados do Banco Mundial e do IBGE, apenas 30% das empresas familiares consigam chegar à terceira geração, além de somente 15% sobreviverem à sucessão de três gerações – o que evidencia a complexidade de manter o negócio familiar ao longo do tempo.

Empresas que escondem sua verdadeira cultura, sua estrutura interna ou as reais demandas de uma posição, estão fadadas a atrair executivos desalinhados e a enfrentar um alto turnover que, certamente, impactarão seu crescimento e destaque competitivo. Por isso que a transparência não pode mais ser

JORDANO RISCHTER / ARQUIVO PESSOAL/JC



vista como um mero detalhe, mas sim como algo urgente e necessário para quebrar esse ciclo e garantir contratações mais assertivas.

Comece olhando para dentro. Quais habilidades sua empresa está precisando para sanar alguma dor ou problema enfrentado? Há alguém que se encaixe nesses requisitos internamente, ou é necessário procurar este talento externamente? Caso haja a necessidade de abrir um processo seletivo, além de ser essencial contratar alguém que tenha fit cultural com a marca, a grande pergunta que deve ser feita, neste momento, é se a empresa busca alguém que dê continuidade ao que já vem sendo feito internamente, ou se a preferência é por um executivo que, de certa forma, desafie o status quo, trazendo provocações pertinentes que alavanquem essa transformação e profissionalização das operações.

Mas, não adianta trazer esse líder do mercado, se não oferecer um local onde ele possa aplicar, devidamente, seu know-how aos processos internos, elevando a empresa a um novo patamar. Essa “dificuldade em soltar o osso” não pode existir nessas situações, para que tenham a autonomia necessária para melhorar esses resultados e alavancar as operações. Saiba delegar e passar o bastão, enxergando-os como um reforço positivo ao time, e não como uma ameaça.

Essa nova mentalidade de governança será fundamental para a evolução dessas empresas, como mostra uma pesquisa da Fundação Dom Cabral, a qual identificou que 77% das empresas familiares no Brasil possuem entre 50 e 499 funcionários, e grande parte (55%) tem um acordo de sócios formalizado, o que contribui para a longevidade. A transparência nesses pontos é a ponte que conecta as expectativas dos executivos com a realidade dessas empresas.

## O que falta para a construção civil entrar no século XXI?

**Daniela Lopes**

Chief Sales Officer da We Are Group

Apesar de representar cerca de 6% do PIB brasileiro e empregar mais de 7 milhões de pessoas, a construção civil ainda opera, em muitos aspectos, como no século passado. Obras geridas em planilhas, atrasos recorrentes, desperdícios de materiais e a ausência de dados confiáveis seguem como marcas registradas de um setor que resiste à transformação digital — e cultural.

Mas para que a construção civil finalmente entre no século XXI, não basta digitalizar processos: é preciso mudar a forma como o setor enxerga eficiência, inovação e diversidade.

Um dos primeiros passos é abandonar a ideia de que tecnologia é custo. Quando bem aplicada, a inovação é o principal caminho para aumentar a produtividade e garantir mais previsibilidade nas entregas — algo crítico para investidores, incorporadoras e clientes finais. Modelos BIM, sensores conectados por IoT, plataformas de gestão de obra e dados integra-

dos permitem prever atrasos, controlar orçamentos com mais rigor e até antecipar riscos estruturais.

Outro ponto essencial é a inclusão de novos perfis de liderança, especialmente das mulheres. A construção civil ainda é marcada por uma cultura masculina

**A construção civil ainda é marcada por uma cultura masculina e hierárquica, mas a presença feminina vem crescendo**

e hierárquica, mas a presença feminina vem crescendo e mostrando que diversidade não é só uma questão de justiça social — é também um diferencial competitivo. Lideranças femininas tendem a trazer olhares mais colaborativos, foco em processos e uma escuta ativa que impulsiona a inovação. É nesse contexto que surge uma nova geração de empresas lideradas por mulheres

que não apenas constroem obras, mas também reconstróem modelos de negócio, relações de trabalho e propósito.

Também é preciso enfrentar a fragmentação da cadeia. A construção civil envolve uma enorme rede de fornecedores, prestadores e subempreiteiros, o que dificulta a padronização de processos e a adoção de tecnologias em escala. Mas o que hoje é visto como obstáculo pode ser a chave para criar ecossistemas mais ágeis, colaborativos e inteligentes, com apoio de construtechs e propstechs que atuam em nichos específicos para resolver problemas reais.

O futuro do setor não será definido por quem constrói mais rápido ou mais barato, mas por quem entrega com mais inteligência, sustentabilidade e previsibilidade. E isso só será possível com dados no centro da operação, equipes diversas liderando projetos e tecnologia conectando os elos de uma cadeia ainda analógica. Entrar no século XXI não é uma questão de tempo, é uma questão de decisão. E quem decidir agora, sairá na frente.

## A evolução da luta antifraude

**Marcelo Clara**

CTO da Quod

Há anos, o mercado financeiro investe no desenvolvimento de soluções para monitorar e identificar fraudes em transações. De sistemas baseados em regras fixas e limites predefinidos, evoluímos para sistemas especialistas, capazes de simular decisões humanas com base em conhecimento estruturado e regras complexas.

Hoje, vivemos uma nova fase com a incorporação de técnicas de Inteligência Artificial, como Machine Learning e Deep Learning, que permitem a identificação proativa e adaptativa de padrões de comportamento atípicos.

Esses modelos não apenas detectam fraudes conhecidas, mas aprendem continuamente com os dados, reconhecendo tentativas sofisticadas que escapariam aos modelos tradicionais. A análise em tempo real, aliada a modelos preditivos de alta precisão, transforma as fer-

ramentas antifraude em ativos estratégicos para a segurança e a integridade do sistema financeiro.

No mercado de fraude isso é especialmente importante, pois, apesar das máquinas conseguirem aprender de maneira rápida, elas ainda precisam ser tão rápidas quanto os fraudadores — que também têm acesso às essas inovações. Isso só pode ser atingido por meio de soluções que tenham como cerne uma cultura data-driven.

Fruto dessa necessidade de agilidade, em 2023, o Banco Central do Brasil, por meio da Resolução BCB nº 6, estabeleceu que as instituições autorizadas a funcionar pelo BC devem registrar, em uma base unificada, todas as ocorrências, tentativas e suspeitas de fraudes, viabilizando o compartilhamento dessas informações entre os participantes do ecossistema. Essa medida fortalece a atuação colaborativa e preventiva no combate ao crime financeiro.

Isso traz mais proteção para

o público final, pois, ao compartilhar informações sobre suspeitas de fraudes, aquelas que forem confirmadas as instituições fortalecem a segurança do ecossistema como um todo, possibilitando a todos os envolvidos agirem de forma mais rápida, eficaz e conjunta na prevenção e detecção de atividades fraudulentas e protegendo os clientes de potenciais golpes.

Assim, o ambiente financeiro começa a usufruir de uma percepção mais estável e confiável, gerando um impacto positivo nos investidores e na percepção de risco associada ao sistema financeiro do país.

Apesar dos avanços, ainda há uma grande oportunidade de adoção em larga escala dessas ferramentas em todo o setor financeiro. A combinação de tecnologias, dados compartilhados e modelos preditivos pode fortalecer de forma decisiva a resiliência do ecossistema, promovendo mais confiança, eficiência e proteção para todos os envolvidos.

# Tax.Co aposta em tecnologia para dominar a reforma tributária

**Amanda Flora**  
amandaf@jcrs.com.br

Há quase 15 anos, o gaúcho Luis Wulff transformou uma mesa no quarto do seu apartamento em Porto Alegre na semente do que viria a ser a Tax.Co, hoje referência em consultoria tributária e inovação no setor. De uma operação enxuta, a empresa se tornou uma referência do segmento no Brasil, reunindo milhares de clientes e expandindo sua atuação para áreas como tecnologia, educação corporativa e até o mercado internacional, com escritório aberto em Nova York. Nesta entrevista, Wulff fala sobre os caminhos que levaram a Tax.Co a crescer, os impactos da reforma tributária, os desafios para empresas brasileiras diante de crises econômicas e diplomáticas, e as apostas em inovação que projetam o futuro do setor para os próximos anos.

**Empresas & Negócios - Qual é a sua relação com o grupo Tax.Co?**

**Luis Wulff** - Eu fundei a empresa há quase 15 anos. Começamos em Porto Alegre como uma plataforma de dados tributários, uma empresa de software muito pequena, no quarto do meu apartamento. Eu tinha uma mesa, uma cadeira, um computador e comecei a desenvolver um sistema para organizar os skys de pequenas empresas. Em seis meses saímos do apartamento e alugamos a primeira sala. A partir daí foi uma escalada: ano após ano ampliamos, estruturamos, trouxemos mais pessoas, novos clientes e produtos. Minha relação com a empresa é muito íntima: participei de cada passo, dos erros e acertos até chegarmos onde estamos hoje.

**E&N - E que tipo de serviço a Tax.Co oferece hoje?**

**Wulff** - Hoje a Tax.Co é líder em consultoria tributária no Brasil, a principal empresa dedicada exclu-

sivamente a esse segmento. Atendemos cerca de 8 mil clientes em todos os aspectos de impostos no Brasil e no exterior. Temos também um braço de software e tecnologia; uma plataforma financeira que compra e vende precatórios para ajudar empresas e precatórios a monetizar valores; e uma empresa de educação, que promove grandes eventos tributários e capacitação corporativa para empresários e gestores.

**E&N - A empresa está completando 14 anos de história. O que foi determinante para vocês chegarem onde estão?**

**Wulff** - Dois pontos principais: cultura organizacional e inovação. Criamos mais de 10 produtos novos no mercado tributário, muitos dos quais foram replicados por outras empresas. Temos um time apaixonado pelo que faz, muito alinhado aos nossos valores: sonhar grande, trabalhar duro e construir confiança. É uma cultura forte, diversa, aberta a diferentes pessoas e perspectivas, que dá liberdade para crescer. Aliamos essa cultura sólida à inovação constante.

**E&N - E quais são os maiores desafios que vocês estão enfrentando no atual contexto de reforma tributária?**

**Wulff** - O maior desafio para as empresas é entender como será o negócio no futuro: como incluir a reforma no planejamento estratégico, contratar, criar produtos, definir preços e mercados. Ainda faltam regulamentações sobre split payment, alíquotas, créditos, etc. Nós inovamos criando a primeira calculadora automatizada da refor-

**Criamos mais de 10 produtos novos no mercado tributário, muitos dos quais foram replicados por outras empresas**



Executivo explica que os escritórios licenciados vendem os serviços, mas a execução é feita pela matriz da empresa

ma tributária, que compara a carga antiga com a nova em 36 milhões de produtos catalogados. Depois, desenvolvemos a calculadora para pessoa física e produtor rural. Agora, em parceria com a FGV-SP, estamos construindo um motor de precificação, porque as empresas querem saber o preço final de seus produtos após a reforma. Vejo que muitos concorrentes ainda não estão olhando para a reforma, preocupados apenas com o presente. Nós sempre investimos em tecnologia para pensar antes, e isso nos diferencia há 14 anos. E os desafios das empresas contábeis, fiscais, como é do meu segmento, vejo que temos muitos concorrentes ainda perdidos e não olhando para a reforma, distantes. Muitas empresas contábeis olhando para o hoje e não olhando para o amanhã.

**E&N - Vocês também abriram um escritório em Nova Iorque. Qual é o objetivo?**

**Wulff** - O escritório já está em funcionamento. Atende tanto brasileiros que querem investir fora quanto estrangeiros que querem investir no Brasil. Ele serve como Hub para entender regras tributárias internacionais e estruturar investimentos. Muitos brasileiros buscam alternativas diante de insegurança jurídica, como a recente taxa retroativa do IOF. E temos também fundos estrangeiros interessados no agronegócio brasileiro. Alguns já compraram empresas e são nossos clientes.

**E&N - E como lidar com crises diplomáticas e econômicas, como as recentes taxações impostas pelos Estados Unidos?**

**Wulff** - Elas geram impactos diretos. Tivemos, por exemplo, um cliente de pescados com 42 contêineres parados no porto sem poder exportar. Nesse caso, estudamos alternativas como renacionalizar o produto ou transferir parte da produção para outro país, como o Uruguai. Assim, o cliente mantém a operação, mesmo que o Brasil perca empregos. Nosso papel é orientar para que as empresas não quebrem e consigam encontrar novos mercados e estruturas de produção.

**E&N - Quais são os erros fiscais mais comuns entre as empresas brasileiras?**

**Wulff** - Quase todas têm problemas de cadastro fiscal, o que representa cerca de 0,8% do faturamento perdido. São erros de parametrização, digitação ou negligência nos cadastros de materiais e produtos. Para resolver isso, criamos o Cadastro Único Tributário, com 36 milhões de produtos catalogados em todos os estados do Brasil. Quando cruzamos esses dados com os das empresas, 80% dos gargalos vêm do cadastro. É uma área que ninguém gosta de olhar, mas onde está boa parte da perda.

**E&N - Vocês também estão investindo em educação corporativa. Como funciona essa frente?**

**Wulff** - Compramos recentemente uma business school, via M&A, e estamos reestruturando a marca para lançá-la em setembro. O objetivo é se tornar a principal marca de educação corporativa do Brasil, concorrendo com G4, Startse e outras. Nosso diferencial é oferecer aprendizado voltado à prática, ministrado por executivos e empreen-

dedores, não por professores de carreira. Queremos proporcionar mais liberdade aos profissionais e alinhar dinheiro com propósito — não vender cursos por vender, mas gerar transformação real.

**E&N - São quase 700 escritórios, como garantem a qualidade e padronização nas operações de todos eles?**

**Wulff** - Criamos um modelo de entrega centralizada. Toda a operação está em São Paulo e Porto Alegre, com processos padronizados e certificações como a ISO. Os escritórios licenciados vendem os serviços, mas a execução é feita pela matriz, garantindo qualidade e alinhamento cultural. Além disso, treinamos todos os parceiros para que expectativa e realidade estejam em sintonia.

**E&N - E como vocês enxergam o mercado tributário brasileiro nos próximos 5 a 10 anos?**

**Wulff** - Nós acreditamos que criamos o mercado tributário. Enquanto muitos olham para o presente, já pesquisamos soluções que serão necessárias em 2033. Participamos ativamente da formulação de leis e regulações por meio da Associação Brasileira de Desenvolvimento Tributário, patrocinada pelo grupo. Nosso DNA é inovar, desenvolver softwares e soluções antes da demanda aparecer.

**E&N - Como está o faturamento da empresa no Brasil e quais são as perspectivas?**

**Wulff** - Nosso orçamento de 2025 já está definido e seguimos focados nele. Entre as empresas de serviço do Estado, certamente somos a maior do setor tributário.

## CIEE-RS reuniu vozes e ideias no Instituto de Ciência Tecnologia e Inovação Social (ICTS) na 1ª edição do TROCAS

O CIEE-RS promoveu a primeira edição do TROCAS, um ciclo de debates criado para incentivar um ambiente plural de diálogo, aprendizado coletivo e conexões. Mais que um evento, é um espaço vivo para jovens, educadores, lideranças empresariais, pesquisadores e agentes de transformação social se reunirem para debater temas relevantes e inspirar-se mutuamente.

Realizado em 27 de agosto, no Instituto de Ciência Tecnologia e Inovação Social (ICTS), o encontro teve como tema Inovação com Impacto. No bloco Compreensão, Rossana Parizotto apresentou os fundamentos da inovação social, destacando sua importância para o desenvolvimento sustentável e inclusivo.



Mais do que uma sequência de palestras, o TROCAS foi um encontro vivo de ideias, onde diferentes visões se encontraram para criar novas possibilidades.

Já no Ação, Juliana Magalhães (CIEE-RS), Ana Lucia Maciel (Coalizão POA) e Emily Bittencourt (SICT/RS) compartilharam experiências que mostram como iniciativas bem estruturadas podem gerar mudanças reais na sociedade.

“Mais do que uma sequência de palestras, o TROCAS foi um encontro vivo de ideias, onde diferentes visões se encontraram para criar novas possibilidades. Foram conversas autênticas, cheias de escuta e inspiração, que mostraram como, quando nos abrimos ao diálogo, podemos construir caminhos reais de transformação”, destacou Juliana Magalhães, gerente de Pesquisa, Desenvolvimento e Fomento e liderança do ICTS.

Localizado no coração de Porto Alegre, o ICTS é um espaço pioneiro no Brasil dedicado à inovação com impacto social. Com mais de 2.400 m², oferece salas privativas, coworking, arena multiuso, auditório para 240 pessoas e quadra poliesportiva — tudo pensado para impulsionar conexões e desenvolver projetos transformadores.

Integrado à nova sede do CIEE-RS no Centro Histórico, simboliza o compromisso da entidade com a juventude gaúcha, a inclusão produtiva e o fortalecimento das redes de cooperação. O TROCAS já nasce como um espaço para ouvir, aprender e agir coletivamente em prol de um futuro mais justo e colaborativo.



### Lucro Sustentável

Sustentabilidade não é custo. É lucro, é inovação, é futuro. O livro “A Revolução do Lucro Sustentável” é uma leitura indispensável para quem deseja liderar com consciência e gerar valor com propósito.

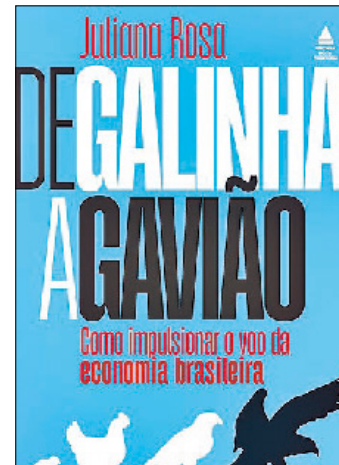
A autora, Sabrina de Branco, compartilha, com domínio e conhecimento, os bastidores da criação de estratégias sustentáveis em grandes corporações, transformando conceitos em práticas reais, com uma abordagem clara, prática e inspiradora.

Sabrina também é executiva, mentora e palestrante, com essa experiência, ela desvenda como empresas que integram sustentabilidade à sua essência conseguem mitigar riscos, fidelizar clientes, transformar cultura organizacional e conquistar mercados, com resultados tangíveis no curto e longo prazo.

O livro possui o conteúdo totalmente atual e em alta, em um formato que vai ajudar o leitor a entender o que precisa ser feito e rapidamente colocar em prática.

A autora com uma abordagem prática, estratégica e orientada a resultados tem ajudado grandes empresas a iniciarem ou acelerarem sua jornada de sustentabilidade, atuando diretamente na governança, gestão de riscos e inovação sustentável.

**A Revolução do Lucro Sustentável: Como incorporar a sustentabilidade à estratégia corporativa para impulsionar inovação, reduzir riscos e aumentar a lucratividade;** Sabrina de Branco; Editora Estrela da Manhã; R\$ 49,90; Disponível somente em versão digital.



### Transformação

Com a data de publicação marcada para o dia 29 de agosto, o livro “De galinha a gavião: Como impulsionar o voo da economia brasileira” traz uma metáfora muito conhecida no meio da economia para explicar, de forma compreensível e intrigante, os motivos da economia brasileira, apesar de seu potencial, permanecer presa a ciclos frágeis e insustentáveis de crescimento desde a década de 1980. São décadas de avanços interrompidos, que acabam minando expectativas e retardando conquistas sociais, e o que tem privado a sociedade brasileira de uma qualidade de vida melhor.

A jornalista Juliana Rosa é quem está por trás da escrita do livro. Ela aplica todo seu aprendizado adquirido durante os 25 anos de jornalismo econômico, diversos prêmios e entrevistas com grandes pessoas do cenário econômico brasileiro, para destrinchar temas como contas públicas, educação, impostos e infraestrutura. Juliana utiliza uma linguagem descomplicada, traduzindo os conceitos do “economês”, como a própria diz, para que qualquer pessoa consiga entender os caminhos e descaminhos da economia nacional.

A proposta da autora, desde a introdução do livro, é tornar o conhecimento econômico um instrumento de cidadania, capaz de orientar decisões, fortalecer a democracia e reduzir desigualdades.

**De galinha a gavião: Como impulsionar o voo da economia brasileira;** Juliana Rosa; Editora Nova Fronteira; 192 páginas; R\$ 44,90; Disponível a partir de 29 de Agosto, em versão física e digital.



### Equilíbrio

O livro “Assuma o (des) controle da sua vida: a arte de viver bem o que não se domina” é escrito pela especialista em neurociência, comportamento e desempenho, Vivian Ritter. Ela possui mais de 22 anos de experiência em desenvolvimento humano, dois pós-doutorados e atua como palestrante, mentora e facilitadora de treinamentos, desenvolvendo pessoas e empresas. Durante o livro, ela une reflexões da filosofia, da neurociência e da experiência prática.

Com linguagem leve e fluida, porém profunda, Vivian convida o leitor a enxergar com outros olhos as situações corriqueiras que tiram a paz, e descobrir que é possível atravessar o inesperado com mais leveza e inteligência emocional. Segundo a autora, as pessoas vão se identificar com as situações e perceber que assumir o descontrole pode ser o caminho para ter mais equilíbrio na vida e na carreira.

O livro aborda temas diversos, mas seguindo uma linha de falar sobre comportamento, a vida e sobre a forma como nos relacionamos. Além disso, a leitura propõe abandonar fórmulas prontas e desenvolver novos comportamentos diante daquilo que simplesmente não está nas nossas mãos como o outro, as circunstâncias ou o futuro. É um convite à reflexão e à prática de uma vida mais consciente e autêntica.

**Assuma o (des)controle da sua vida: a arte de viver bem o que não se domina;** Vivian Ritter; Editora Rocha Soluções Gráficas; 290 páginas; R\$ 79,90; Disponível em versão digital.

# Responsabilidade social

## Há 25 anos, a rua tem 'Boca' para falar

» “Repórteres” do Jornal Boca de Rua mostram que ali também tem muita história

Amanda Flora  
amandaflora@jcrs.com.br

É numa casa simples, cheia de cadeiras ocupadas por um grupo de pessoas com vontade de falar sobre os anseios da rua, que um jornal é produzido há 25 anos. Pode até parecer uma cena comum de qualquer redação espalhada por aí, mas não é. Trata-se de um jornal construído por aqueles que, normalmente, são ignorados e marginalizados, mas que, devido a uma iniciativa única no mundo, têm boca para falar. Como eles mesmos se declaram: “somos o povo da rua”, os que fazem e vendem o jornal Boca de Rua.

A Casa Alice é o espaço que acolhe as dezenas de colaboradores, os chamados repórteres da rua, que participam de todas as etapas da produção: da discussão de pauta à edição final, passando por entrevistas, textos, fotos e vídeos para as redes sociais. Foi em uma dessas reuniões, marcadas por falas diretas e ideias de pauta geniais, que nossa reportagem pôde testemunhar o funcionamento vivo do jornal sem hierarquias. Não existe chefia, existe parceria e horizontalidade.

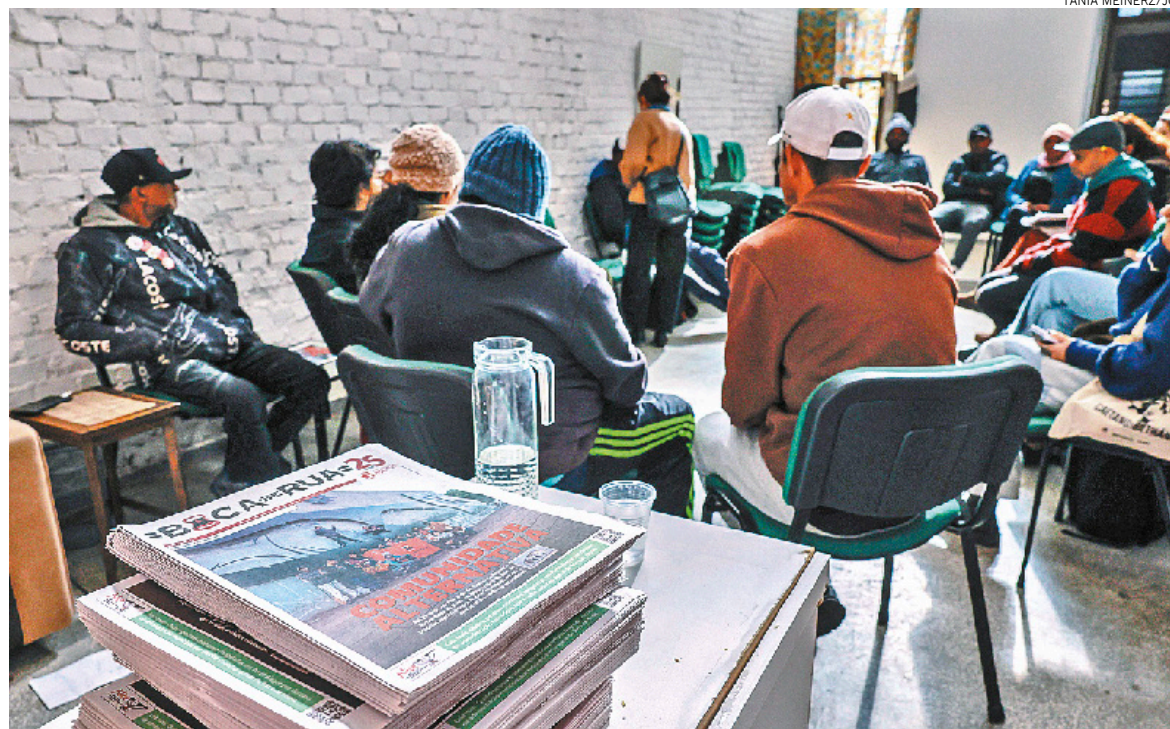
Criado em 2000, na Porto Alegre efervescente do Fórum Social Mundial, e vinculado à ONG Alice, Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação, o Boca de Rua nasceu de um encontro entre jornalistas recém-formados e pessoas em situação de rua de Porto

Alegre. “A Alice surgiu um ano antes com o propósito de trabalhar com grupos que não tinham visibilidade na mídia nem registro histórico de suas vidas. O Boca é o primogênito”, explica a editora e idealizadora do Boca, a jornalista Rosina Duarte.

A iniciativa, que começou na Praça do Cachorrinho, logo mostrou que não se tratava de “ajudar alguém”, mas de aprender com aquela realidade. “Nós precisávamos nos alfabetizar nesse universo. O Boca nasceu dessa descoberta conjunta de linguagem e franqueza, muitas vezes brutal”, lembra. “Ele não é um projeto social, como muitos pensam, e sim uma comunidade de trabalho e renda. De redução de danos do silêncio e da solidão que as pessoas da rua passam”, explica Rosina.

Cada edição leva cerca de três meses para ficar pronta. O grupo se reúne semanalmente, discute pautas e relatos, escreve coletivamente e revisa cada texto até a versão final. Nada é publicado sem que todos leiam e aprovem. A diagramação é feita por Cristina, designer que acompanha o projeto desde o primeiro número, enquanto Rosina organiza e edita os conteúdos.

O funcionamento do Boca também desafia a lógica das redações tradicionais. Não há uma hierarquia rígida nem uma figura central de comando: as reuniões acontecem em assembleia, onde cada voz disputa espaço, às vezes



Reunião para decidir as pautas é feita com apoio da Agência Livre para a Informação, a Cidadania e a Educação

em meio a discussões acaloradas e falas atravessadas. É nesse ambiente vivo e visceral que o jornal se constrói, com uma espécie de autorregulação coletiva que garante tanto a liberdade de expressão quanto a responsabilidade pelo que será publicado. Como resume Rosina, “o grupo se autocoordena, eu apenas organizo as ideias”, afirma.

O financiamento continua sendo um dos maiores desafios. Para garantir a independência editorial, o Boca não aceita verbas de políticos nem de empresas privadas. A impressão é custeada por assinaturas virtuais, doações de apoiadores e eventos promovidos na Casa Alice, como saraus e feiras. Foi também graças a doações que a ONG conseguiu, há cerca de três anos, ter uma sede própria no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, após mais de duas décadas sem endereço fixo.

Se para Rosina o Boca é “uma pequena revolução”, para os repórteres que fazem ele diariamente, é também transformação pessoal. Michelle Marques dos Santos, que participa como repórter desde a primeira edição, descobriu o projeto quando vivia nas ruas. “O Boca me ajudou em muitas coisas. Primeiro, para eu poder entender que no meio das pessoas eu também sou gente. Poder conversar, mostrar o meu trabalho, isso me

deu muito orgulho”, conta.

Ao longo dos anos, Michelle viu sua trajetória se misturar com a do jornal. Esteve em capas, assinou títulos escolhidos coletivamente, participou de entrevistas e debates públicos. Para ela, cada edição é motivo de pertencimento. “Quando a gente vê o jornal pronto, sabe que deixou uma marca. Eu lembro quando minha foto saiu na capa, em 2007. Foi emocionante. Pensei: a rua também pode aparecer de outro jeito, não só nas notícias ruins”, diz.

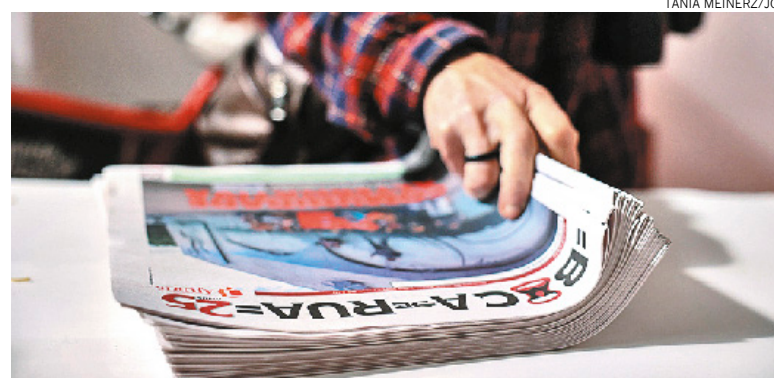
Hoje, Michelle reconhece que o Boca a ajudou a encontrar dignidade e identidade. “Eu já vivi muitas dificuldades, mas o Boca me mostrou que a gente pode falar, pode denunciar, pode ser ouvido. Eu sou repórter de rua e tenho orgulho disso. Eu ajudo a contar histórias que ninguém mais contaria”, relata.

Segundo Rosina, esse é o maior legado do jornal nestes 25 anos: mostrar que a vida não é uma folha plana, mas um caleidoscópio de experiências e vozes. “Absolutamente ninguém deve ser subestimado. A sociedade não sabe o que está perdendo quando prescinde dessas pessoas que sobreviveram a coisas que nós não sobreviveríamos. O Boca é isso: uma boca aberta para gritar o que não é dito. E uma vez que você entra aqui, nunca mais é a mesma pessoa”.

Ao completar 25 anos, o Boca de Rua segue como um espaço de cidadania, resistência e humanidade. É comum andar pelas ruas da Capital e ver algum de seus repórteres vendendo mais uma edição desse produto que quem carrega nas mãos, carrega a história de um povo invisibilizado, mas nunca vítima.



“O grupo se autocoordena, eu apenas organizo as ideias”, diz Rosina



Exemplares são vendidos por pessoas em situação de rua em Porto Alegre

## REPORTAGEM ESPECIAL

# Com diversificação industrial e ciclos, Passo Fundo busca o cre

» *Potência da indústria na Região Norte do Estado, município conta com dois distritos*

**Gabriel Eduardo Bortulini,**  
especial para o JC  
economia@jornaldocomercio.com.br

Em meio às coxilhas ondeantes do largo horizonte do Planalto Médio, Passo Fundo se destaca como o maior município do Norte do Rio Grande do Sul, com pouco mais de 206 mil habitantes, segundo o último Censo do IBGE (2022). Fundada em 1847 e emancipada 10 anos mais tarde, a cidade foi rota dos tropeiros no século XIX e, como a maior parte dos municípios gaúchos, cresceu movida pela lógica rural. Hoje, contudo, vive um momento de economia diversificada. Sua principal virtude está nos serviços e comércio, responsáveis por mais de 60% do PIB do município: dos R\$ 12,5 bilhões registrados em 2021, o setor de serviços somou mais de R\$ 7,6 bilhões.

Os números, entretanto, poderiam ser dispensáveis para evidenciar a força do setor terciário em Passo Fundo. Basta uma rápida visita ao Centro da cidade: densa, movimentada e prolífica em pequenos e médios empreendimentos. No entanto, não é só de serviços que a economia de Passo Fundo se alimenta. O setor agropecuário ainda exerce um papel importante, principalmente aliado à indústria, que tem ganhado força no município.

Segundo Rodrigo Scortegagna, vice-presidente de indústria da Associação Comercial, Industrial, de Serviços e Agronegócio de Passo Fundo (Acisa), a industrialização do município esteve, historicamente, ligada ao campo, em especial nos setores alimentício e metalmeccânico. “Hoje, esse movimento se transforma com força, dando lugar a um novo ciclo voltado à economia verde”, afirma Scortegagna, principalmente em referência à nova usina de etanol da Be8, um investimento bilionário.

“Vemos o atual momento da indústria de Passo Fundo com muito otimismo e responsabilidade. É importante destacar o conjunto de pequenas, médias e grandes indús-



Para abrigar as grandes empresas, Passo Fundo conta, atualmente, com dois distritos industriais; no bairro Valinhos, a Noroeste, o Distrito Industrial Paulo Rossato

trias que movimentam a economia local. Elas atuam em diversos segmentos e demonstram a diversidade e o potencial industrial que Passo Fundo tem para crescer e se consolidar como polo regional”, analisa Scortegagna.

Para o prefeito Pedro Almeida, a diversidade econômica de Passo Fundo “permite maior resiliência em momentos de crise, por não depender exclusivamente de um único setor”. De acordo com Almeida, o segmento industrial está em crescimento e tem um papel relevante na

economia de Passo Fundo.

“O município vem ampliando sua industrialização ao longo dos anos. Grandes empresas do setor têm escolhido Passo Fundo para se instalar devido a fatores que se destacam no cenário estadual, como localização estratégica e logística eficiente, capital humano qualificado, alíquotas de tributos reduzidas, oferta de formação profissional, aeroporto, centros de inovação, instituições de ensino e pesquisa, além de uma estrutura urbana capaz de fomentar o desen-

volvimento econômico”, destaca.

Para abrigar as grandes empresas, Passo Fundo conta, hoje, com dois distritos industriais. No bairro Valinhos, a Noroeste, o Distrito Industrial Paulo Rossato aloca 36 empresas, gerando, pelo menos, 2 mil empregos. Das principais indústrias, destacam-se as gigantes Ambev e Italac — além de empresas do ramo metalmeccânico, transportes, agropecuário, atacadista, entre outros.

Já ao Norte do município, o Distrito Industrial Invernadinha

concentra aproximadamente 30 empresas dos ramos metalúrgico, implementos rodoviários e de plásticos e derivados. Por ali, estão instaladas unidades da Kuhn do Brasil, líder mundial em implementos agrícolas, e da Be8, referência nacional e internacional em energias renováveis. O distrito também gera mais de 2 mil empregos diretos.

Atualmente, os acessos aos distritos passam por obras importantes, mas não há previsão de ampliação dos espaços existentes, segundo o prefeito. Entretanto, a prefeitura

# novos crescimento

*dedicados à instalação de fábricas*

CENTER COLOR/DIVULGAÇÃO/JC



Paulo Rossato aloca 36 empresas, gerando, pelo menos, 2 mil empregos

tem preparado novas áreas estratégicas “que serão disponibilizadas por meio de processos licitatórios, ampliando significativamente o potencial de atração de empreendimentos”, esclarece.

Estão inclusas uma área de 680 metros quadrados no Distrito da Planaltina; 3,3 hectares no Distrito do bairro Valinhos (Paulo Rossato), 7,8 hectares do Parque da Efrica, além de um terreno de 45 hectares da antiga Manitowoc.

“Esses espaços estão sendo preparados para atender diferentes

perfis de empresas, com o objetivo de atrair novos investimentos e fortalecer o desenvolvimento regional”, explica.

Conforme Almeida, o município tem mapeado outras áreas com potencial vocação industrial, além dos distritos tradicionais.

“O foco é consolidar Passo Fundo como um polo competitivo para a instalação de novos negócios, tanto no setor industrial quanto em áreas como tecnologia, agronegócio e serviços de alto valor agregado”, complementa.



ANA STOBBE/ESPECIAL/JC

Cidade do Norte gaúcho atrai empresas de diversos setores, como comércio, serviços e também indústrias

## A indústria de Passo Fundo em expansão

Os mais de R\$ 12,5 bilhões registrados em 2021, no último censo do IBGE, fizeram de Passo Fundo o sexto maior PIB do Estado naquele ano. Trata-se de um crescimento de mais de R\$ 2,5 bilhões em comparação com os dados do ano anterior. Desse total, a indústria foi responsável por R\$ 1,43 bilhão.

Embora o município tenha se destacado como grande potencial econômico no Estado, a arrecadação industrial de Passo Fundo rendeu apenas a segunda colocação entre os municípios com maior VAB industrial do Norte gaúcho, embora seja, com sobra, a cidade com maior população do recorte. Como comparação, a cidade de Erechim registrou mais de R\$ 2,04 bilhões de VAB Industrial no mesmo ano, embora seja um município com praticamente metade da população de Passo Fundo: ou seja, R\$ 600 milhões a mais que o município do Planalto Médio.

O número, aliás, fica muito mais próximo ao registrado em Panambi (R\$ 1,3 bilhão), município de pouco mais de 43 mil habitantes — quase cinco vezes

menor que Passo Fundo.

O prefeito Pedro Almeida, no entanto, assegura que a cidade atrai empresas de diversos setores, inclusive indústrias, citando os exemplos recentes da nova usina de etanol da Be8 e da fábrica-escola de amônia verde, da Begreen, um modelo inédito na América Latina.

“Cada cidade tem suas particularidades, mas Passo Fundo se destaca por abrigar empresas com alto grau de pesquisa, tecnologia e inovação, que têm reconhecimento internacional”, reitera Almeida.

O prefeito destaca, ainda, que o município apresentou o segundo maior volume de exportações do Estado, segundo os dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, “sendo o setor industrial responsável por uma parcela significativa desse desempenho”.

Passo Fundo exportou US\$ 2,06 bilhões no ano passado, cerca de R\$ 11 bilhões na cotação atual. O resultado mantém a cidade atrás apenas de Rio Grande, maior município exportador do Estado.

Além disso, a indústria voltou a

### VAB industrial de cidades do Norte, Noroeste e Missões

- 1º Erechim R\$ 2,04 bilhões
- 2º Passo Fundo R\$ 1,43 bilhão
- 3º Panambi R\$ 1,3 bilhão
- 4º Horizontina R\$ 1,18 bilhão
- 5º Ijuí R\$ 1,14 bilhão

FONTE: IBGE (2021)

registrar aumento de número de empregos formais. Segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged), Passo Fundo fechou o primeiro semestre de 2025 com um saldo de 377 vagas na indústria: foram 2.912 admissões e 2.535 desligamentos. É o melhor desempenho semestral desde 2021, ano em que o saldo foi de 585 vagas.

O crescimento chega após uma queda significativa em 2024, quando o setor registrou um saldo negativo: foram -292 postos de trabalho no município, único ano de registros negativos de 2020 para cá. Para o vice-presidente de indústria da Acisa trata-se de uma retomada significativa, que “sinaliza confiança no ambiente econômico local”. Segundo Rodrigo Scortegagna, o saldo positivo deve-se à construção civil e à instalação de novas indústrias, “que veem em Passo Fundo um cenário favorável para investir e crescer, em especial, pelas boas condições climáticas. Isso mostra que o município volta a atrair oportunidades, movimentando a economia e fortalece a geração de renda e valor”, acrescenta.

### Evolução dos empregos formais na indústria em Passo Fundo (2020 – 2025\*)

| Ano   | Admissões | Desligamentos | Saldo |
|-------|-----------|---------------|-------|
| 2020  | 3.679     | 3.093         | 586   |
| 2021  | 5.308     | 4.723         | 585   |
| 2022  | 5.186     | 4.825         | 361   |
| 2023  | 5.240     | 4.983         | 257   |
| 2024  | 4.793     | 5.085         | -292  |
| 2025* | 2.912     | 2.535         | 377   |

\* Dados do primeiro semestre

FONTE: NOVO CAGED

Continua na página 8



## REPORTAGEM ESPECIAL

## Tecnologia e inovação em um novo distrito da UPF



UPF PARQUE/DIVULGAÇÃO/JC

Passo Fundo Valley visa atrair empresas de base tecnológica, além de propiciar ambientes colaborativos

**Gabriel Eduardo Bortulini,**  
especial para o JC \*

Recentemente, um novo “Distrito de Inovação” foi apresentado pela Universidade de Passo Fundo (UPF): o Passo Fundo Valley, cujas obras iniciaram em março deste ano e têm finalização prevista para maio de 2026, busca atrair empresas de base tecnológica, além de propiciar ambientes colaborativos e o fomento à inovação aplicada.

O distrito de inovação permitirá que as indústrias, startups e o setor de serviços tenham acesso facilitado a laboratórios, talentos da universidade e programas estratégicos de desenvolvimento.

O projeto é uma iniciativa do UPF Parque, já consolidado Parque Científico e Tecnológico da Universidade de Passo Fundo, que comemora mais de uma década de existência. Trata-se do único Parque Tecnológico do ecossistema de inovação da Região da Produção e do Norte do Rio Grande do Sul, atuando em áreas como Agrotech, Saúde Digital, TICs, Edtechs e Indústria Criativa. O espaço conta, atualmente, com mais de 60 empresas e instituições conectadas.

De acordo com a gestão do UPF Parque, com o Passo Fundo Valley as “indústrias locais contarão com um ecossistema completo para testar tecnologias, desenvolver novos produtos e acessar talentos qualificados, enquanto startups terão um ambiente estruturado, conectado e internacionalizado para crescer e escalar soluções. O impacto será direto na economia regional, com a geração de empregos de alta quali-

ficação, atração de investimentos e estímulo à inovação em empresas de todos os portes”.

Para Ricardo Fantinelli, gestor do parque, o desenvolvimento regional é um dos principais objetivos do UPF Parque com seus diversos projetos. “Nossa estratégia é ser a ponte que conecta o conhecimento de ponta gerado na academia com os desafios reais do setor produtivo”, defende. “Ao reunirmos mais de 60 empresas e instituições em nosso ecossistema, criamos um ambiente fértil para a inovação aberta, gerando não apenas negócios, mas um ciclo virtuoso de desenvolvimento para toda a região. Cada programa, cada conexão e cada projeto reforça nosso compromisso de ser um catalisador de transformação econômica e social”, completa Fantinelli.

Nesse sentido, Passo Fundo Valley é inspirado nos maiores polos de inovação do País e projeta Passo Fundo “como referência em inovação aplicada, ciência empreendedora e protagonismo regional”. Para isso, o UPF Parque conta com um investimento de mais de R\$ 10 milhões, viabilizado pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) além de uma contrapartida de R\$ 3 milhões da própria universidade. O projeto consolidará o chamado “Distrito de Inovação”, dentro do campus da UPF, em uma área de 10 hectares. Serão mais de 2.900 m² de nova infraestrutura, que somados aos 4.000 m² já existentes, totalizarão “mais de 7.000 m² dedicados à inovação aplicada”, informa a gestão do parque.

Além do espaço físico, no en-

tanto, a intenção do Passo Fundo Valley é ser um ambiente de conexão entre a universidade, os empreendimentos — desde empresas consolidadas até as mais recentes startups — e a sociedade.

O projeto incluiu a criação de modernos ambientes de laboratórios e trabalho colaborativo, a ampliação de espaços para eventos, o aumento dos projetos e programas do parque, a fim de dar suporte ao crescimento dos empreendimentos, além de geração de empregos qualificados nas áreas de tecnologia, pesquisa, gestão e inovação, estímulo à economia local e integração entre a universidade e o mercado, “tornando o conhecimento acadêmico um agente direto de transformação social e econômica”. Para a gestão do parque, o Passo Fundo Valley é “uma plataforma de futuro”, pensada para “impulsionar a nova economia do Norte gaúcho e conectar a região aos mais avançados centros de inovação do Brasil e do mundo”.

A reitora da UPF, Bernadete Maria Dalmolin, ressalta o compromisso histórico da universidade com o desenvolvimento da região. Para ela, o Passo Fundo Valley é a “evolução natural” do UPF Parque: “um investimento estratégico que não apenas ampliará nossa capacidade física, mas que irá aprofundar nossa vocação de ser um celeiro de inovação, talentos e novos negócios. Estamos criando as bases para as próximas décadas de desenvolvimento, reafirmando o papel da UPF como uma universidade inovadora e conectada com as demandas da sociedade”, reforça a reitora.

## Distritos industriais ganham obras de acesso

Recentemente, os distritos industriais do município passam por obras em seus acessos. Para Rodrigo Scortegagna, vice-presidente de indústria da Associação Comercial, Industrial, de Serviços e Agronegócio de Passo Fundo (Acisa), o setor as tem recebido com otimismo. “São respostas concretas a demandas antigas de mobilidade e infraestrutura”, afirma o dirigente. No Distrito Paulo Rossato, a construção de um trevo de acesso às margens da ERS-324 é realizada com investimentos do próprio município. São R\$ 18 milhões destinados à obra. O projeto prevê a construção de uma via paralela além da duplicação da pista principal. Essa intervenção pode quadruplicar o escoamento no trecho. Segundo a prefeitura, 30% da obra já foi concluída e a previsão é de finalização em 12 meses, com possível prorrogação por mais um semestre.

Já as obras no Distrito Industrial Invernadinha incluem pavimentação, canalização pluvial, construção de passeios públicos, instalação de meio-fio e implantação de sinalização viária. As intervenções buscam conectar pontos importantes do distrito em diferentes trechos: da rua Manoel Portela, até a empresa Be8; da Be8, até as ruas James Franco e Neri Gosch; e, da rua Arno Pini, até a Avenida Rui Barbosa. Além disso, há a previsão de alargamento da pista e a redução dos declives as ruas Neri Gosch e James Franco, de intenso tráfego de veículos pesados.

De acordo com a prefeitura, foram destinados cerca de R\$ 13 milhões para a obra: R\$ 7 milhões de recursos do município e R\$ 6 milhões por meio de uma emenda do ex-deputado Luciano

Azevedo. O prazo de conclusão é de oito meses, com possibilidade de prorrogação. “Além de garantirem mais segurança às pessoas que trabalham nesses locais diariamente, essas obras de infraestrutura ampliarão a capacidade de escoamento da produção industrial, fortalecendo a competitividade das empresas e contribuindo para atrair novos negócios e investimentos inovadores para Passo Fundo”, pontua o prefeito Pedro Almeida.

Para Scortegagna, além das obras nos distritos, as intervenções estaduais nas rodovias do entorno “ampliam a conexão de Passo Fundo com os municípios vizinhos e fortalecem seu papel como polo regional”.

O vice-presidente de indústria da Acisa reitera, inclusive, que uma das principais demandas do setor industrial do município diz respeito à infraestrutura logística. “A cidade carece de soluções robustas para escoamento e conexão com outros polos. O projeto do Porto Seco, que já está em andamento, surge como uma alternativa estratégica, capaz de facilitar operações logísticas e atrair novos negócios”, pontua.

Além disso, a logística aérea também é um ponto de preocupação, conforme Scortegagna. “O aeroporto de Passo Fundo ainda precisa de melhorias estruturais e operacionais para atender com mais eficiência a indústria local e regional. A expectativa, agora, está na publicação do edital de concessão, que pode viabilizar uma nova gestão e um salto na qualidade dos serviços prestados”, enfatiza. Por fim, de acordo com Scortegagna, a indústria ainda carece de qualificação de mão de obra.

AMÁLIA CANDIOTTO/DIVULGAÇÃO/JC



Para Scortegagna, logística aérea também é um ponto de preocupação

## REPORTAGEM ESPECIAL

## Nova usina de etanol é um dos maiores investimentos

BE8/DIVULGAÇÃO/JC



Fundada em 2005, a Be8 está localizada no Distrito Industrial Invernadinha com uma planta industrial de 30 hectares e capacidade de produzir 540 milhões de litros de biodiesel por ano

Com sede em Passo Fundo, a Be8 foi fundada em 2005 e é uma empresa global de energia renovável. Atualmente, é uma das maiores produtoras de biodiesel do País. Segundo Erasmo Carlos Battistella, presidente da Be8, “a empresa está focada em se tornar um player-chave no setor de biocombustíveis”.

No Distrito Industrial Invernadinha, a empresa possui uma planta industrial de 30 hectares, com a capacidade de produzir 540 milhões de litros de biodiesel por ano, além de 28 milhões de litros de Be8 BeVant, anualmente, e de 3.400 toneladas de soja processada ao dia. Considerando também a unidade de Marialva (PR), a Be8 produziu mais de 900 milhões de litros de biodiesel em 2024.

A empresa tem escritórios administrativos em São Paulo, Cuiabá, Genebra, na Suíça, e em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos. Além de Passo Fundo e Marialva, é responsável pela comercialização da produção de Nova Marilândia

(MT), Floriano (PI), Santo Antônio do Tauá (PA), La Paloma (Paraguai) e Domdidier (Suíça). Em 2024, a Be8 comercializou produtos para nove estados brasileiros e exportou para 15 países. Dos 1.200 funcionários em suas diferentes unidades, a atual planta de Passo Fundo concentra 550 empregados.

Os resultados expressivos dos últimos anos foram um estímulo para projetos ambiciosos. Recentemente, a empresa lançou o Be8 BeVant, um biocombustível desenvolvido e patenteado pela Be8. Segundo Battistella, o combustível “visa ajudar empresas a atingirem suas metas de descarbonização no transporte em curto prazo, pois pode ser utilizado puro em motores a diesel convencional”.

Segundo a empresa, o Be8 BeVant reduz em mais 90% as emissões gases de efeito estufa no uso em veículos em comparação ao diesel S10 atual, no ciclo do tanque a roda. Atualmente, o produto está sendo testado, por exemplo, em veículos terrestres do Aero-

porto de Congonhas. A Be8 também firmou parcerias de fornecimento com o Centro Tecnológico Randon (CTR), Ambipar, Gerdau e linhas de ônibus do Grupo Abreu em São Paulo.

Além disso, a Be8 desenvolve o projeto Omega Green no Paraguai, com um investimento previsto de US\$ 1 bilhão. No ano passado, a empresa construiu a infraestrutura para a instalação na Zona Franca e obteve o aval para a execução oficial do projeto. Conforme Battistella, a Be8 tem o objetivo de iniciar a produção de Combustível Sustentável de Aviação (SAF), diesel verde (HVO), GLP verde e green nafta — insumo utilizado na indústria química para a produção de plástico verde, a partir de 2028.

A grande expectativa, entretanto, está na terra natal da empresa. Em Passo Fundo, a Be8 está em meio às obras de uma usina de etanol à base de cereais de inverno, como trigo, triticale e milho — a primeira do País nesses moldes. Com a previsão do início das ope-

rações no segundo semestre de 2026, esta será a maior usina de etanol do Estado.

A unidade processará 525 mil toneladas de cereais de inverno anualmente para produzir 210 milhões de litros de etanol ao ano. Além disso, a planta terá a capacidade de produzir 153 mil toneladas de farelo — conhecido como DDGS — e 27 mil toneladas de glúten vital. “Com a demanda por etanol atualmente suprida inteiramente por importações de outros estados do País, esta planta representa um passo importante na redução da dependência do Rio Grande do Sul de fontes externas de combustível”, ressalta Battistella.

Além disso, a planta poderá suprir a demanda interna de glúten vital — produto importante na indústria da panificação. Atualmente, todo o glúten vital utilizado no País é importado. A fábrica também “conterà com excedente com potencial para exportação, fortalecendo a posição do Brasil neste segmento”, com-

plementa o presidente da Be8.

A nova planta tem um investimento estimado em R\$ 1,2 bilhão. O BNDES aprovou o financiamento de R\$ 729,7 milhões para a construção da fábrica de etanol. Do total, R\$ 500 milhões são provenientes do Programa BNDES Mais Inovação, que também destinará R\$ 290,2 milhões à empresa como financiamento para a instalação da fábrica de glúten vital.

A área total da nova planta tem 80 hectares, dos quais 45 hectares serão de área construída. A expectativa é que as obras criem mais de 1000 empregos diretos e indiretos durante a execução. Battistella prevê 175 empregos diretos permanentes após a conclusão, “proporcionando um impulso significativo à economia regional”. A usina será instalada no quilômetro 316 da BR-285, fora dos distritos industriais de Passo Fundo. Em 2024, a receita líquida da Be8 somou R\$ 7,3 bilhões. Já o EBITDA foi de R\$ 599,3 milhões, o maior valor de sua história.

\*Gabriel Eduardo Bortolini é graduado em Jornalismo pela UFSM e tem mestrado e doutorado em Escrita Criativa pela Pucrs. É um dos fundadores da Oxibá Casa da Escrita, onde trabalha com leitura crítica e lapidação de textos. Tem textos publicados em jornais, livros e revistas. “Refúgio para bisões”, seu romance de estreia, conquistou o terceiro lugar no prêmio Biblioteca Digital do Paraná e foi publicado pela Matria Editora, em 2024.

# Doce Doce: do online para a loja física

**MINUTO VAREJO** » *Lojista começou venda de roupas de tricô para bebê no digital*

**Patrícia Comunello**

patriciacomunello@jornaldocomercio.com.br

Se o digital testa cada vez mais as fronteiras do varejo físico, o contrário também acontece. Foi assim que uma loja com fachada muito delicada, nas cores azul e rosa, surgiu este ano em uma das avenidas mais valorizadas de Porto Alegre e com cada vez mais segmentos de produtos, principalmente com foco em moda e design. A Doce Doce, de linhas de roupinhas para recém-nascidos e bebês, veio com essa pegada quando abriu na avenida Nilo Peçanha, 2.602, um dos corredores emergentes em público de alta renda na Capital. Depois de uma década no mundo online e conquistando clientes pelo Brasil - o maior mercado é São Paulo -, a proprietária Laureen Ratth decidiu dar um passo de maior maturidade do negócio.

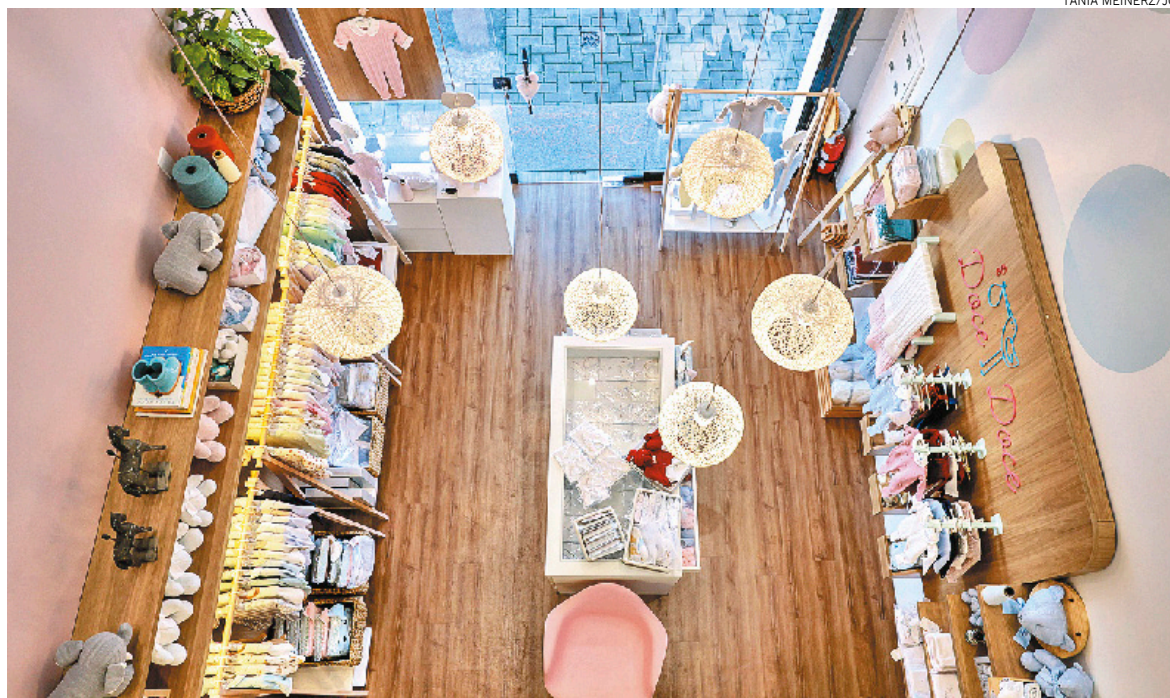
"A Doce Doce é uma marca de roupinhas em tricô para bebês, especializada na linha maternidade. São produtos exclusivos criados e confeccionados pela marca. As peças são confeccionadas de forma artesanal", conta ela. "Com detalhes de bordados e aplicações feitos à mão e com o principal ingrediente: o amor", acrescenta a lojista.

As produções são feitas por

mulheres em bairros da periferia da Capital, como bairro Bom Jesus. "É um trabalho lindo artesanal", orgulha-se. A Doce Doce chegou a ter showroom durante oito anos no bairro Moinhos de Vento. "Estou fazendo o caminho inverso da maioria do varejo. Comecei no online, mas observei uma carência de lojas de bebê na cidade. Tomei coragem e abri a loja física", conta.

Laureen montou a operação quando a primeira filha nasceu. Na hora de organizar o enxoval, a lojista encarou as restrições para conseguir peças mais tradicionais, com detalhes e estilo que dificilmente se encontrava em lojas. "Sou engenheira de produção com marketing em moda. A ideia da loja veio ao organizar o enxoval da Martina (minha filha). Percebi que faltavam peças mais estilosas e diferentes no mercado", conta ela. Laureen decidiu começar a criar os modelos e passou a vender em canais digitais. As peças que seguem os perfis de gerações que tinham de resolver muito em casa as demandas de vestuário, como casaquinhos, macacões e outros itens básicos de bebês. "Enviamos nossas criações para todo o País. Nosso forte sempre foi a venda online e ganhamos um bom mercado no Sudeste", cita a lojista.

A lojista comenta que, mesmo após a estreia no ponto físico, a



TÂNIA MEINERZ/JC

Ponto abriu na Nilo Peçanha e reúne linhas feitas por artesãs da Capital, além de outros produtos para enxoval

venda do digital ainda é maior, com mais demanda de compradores de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. "Mas a ideia que equilibrar o faturamento das duas", projeta ela. Para quem lida com proposta de modelos feito de forma manual, o gargalo é inevitável. "Nossa limitação é a produção. Esse trabalho artesanal está em extinção. Jovens não têm interesse (em seguir as mães) e a quantidade de pessoas que ainda fazem diminui a cada ano", preocupa-se.



TÂNIA MEINERZ/JC

Laureen tem maior mercado formado por clientes dos estados do Sudeste

## Editora Brasa, focada em quadrinhos, ocupa agora todo casarão na Cidade Baixa

O casarão na esquina das ruas Luiz Afonso e José do Patrocínio, miolo do bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, chama a atenção pela fachada na cor preta. Mas tem outro atrativo no entorno

do negócio: é um mix de livraria, edição de títulos (comics) e agito cultural, o que inclui um bar para os frequentadores ampliarem a experiência na Editora Brasa. Outro detalhe na trajetória da Brasa:

em 2024, o negócio estava na sala da casa do dono, Sandro Ferreira, o Lobo. Ele conta que o conceito do negócio no segmento editorial começou em 2017, quando a editora arrematou o primeiro Prêmio Jabuti, na categoria quadrinhos, com a edição independente de Castanha do Pará. "Naquele ano, comecei a trabalhar nos livros que seriam os primeiros lançamentos. A Brasa ganhou este nome por volta de 2019 como sugestão do diplomata Igor Trabuco, um dos responsáveis pelo projeto Brasil em Quadrinhos", recorda o proprietário. "Em setembro de 2021, a gente lança a editora. Até 2024, ela funcionava na minha casa."

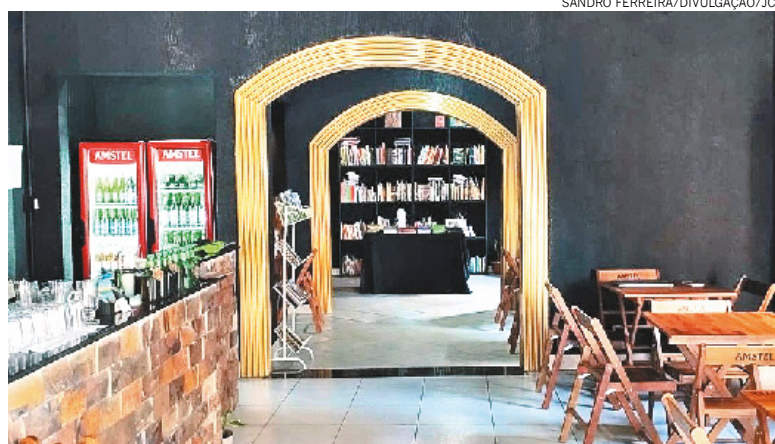
No bairro, a enchente afetou a operação. "Foi muito traumático ver o nosso Estado e a nossa cida-

de afundando. Parentes e amigos perdendo tudo."

A Brasa tem 14 livros em catálogo e já publicou cerca de 30 autores brasileiros. "Estamos negociando com muito mais autores", adianta Lobo. A evolução da loja segue a capacidade financeira do dono. Lobo investiu R\$ 15 mil que tinha "guardados" para abrir a operação, que ocupa o térreo do casarão. Parte do dinheiro também foi usado para suportar o pós-cheia. "Não perdemos nada, mas fomos severamente impactados financeiramente. Nosso tráfego pago caiu e ficamos três meses sem vender na editora. Até hoje, as estantes da loja são as que tínhamos em casa", cita ele. "A comunidade abraçou a loja desde o primeiro dia. O lançamento foi tão

cheio que lotou o espaço", valoriza Lobo. O varejo do térreo foi uma separação da área da editora, que fica no piso superior. "A Loja da Brasa desceu para o térreo para ganhar espaço próprio. É uma gibiteria, livraria e bar", define o livreiro. A operação funciona diariamente, das 14h às 22h.

"A ideia é ampliar o acervo de quadrinhos e literatura, além de fornecer mais espaço para o público que gosta de linguagens narrativas se reunir e passar um bom tempo fazendo o que mais gosta: contando e ouvindo histórias numa boa mesa de bar", define o proprietário. "Ocupar todo o casarão histórico era um desejo nosso. É bonito ver os quadrinhos ganhando mais espaço nas ruas e nas prateleiras de Porto Alegre".



SANDRO FERREIRA/DIVULGAÇÃO/JC

Mix de gibiteria, livraria e bar gera mais interações com leitores

# Design com raízes gaúchas para o mundo

**MINUTO VAREJO »** Peças do Oiamo estão em galerias e buscam nichos de atacado



IMAGENS LUFE TORRES/DIVULGAÇÃO/JC

Trabalho de Tiago Braga combina pesquisa, inspiração e uso de materiais como a lã descartada devido ao baixo preço de mercado, mas ressignificada em almofadas para decoração

**Patrícia Comunello**

patriciacomunello@jornaldocomercio.com.br

O mundo está conhecendo de um jeito inusitado a riqueza, a maciez e a originalidade da lã extraída de ovelhas que pastoreiam pelos campos do Rio Grande do Sul. Peças criadas pelo publicitário gaúcho, com uma carreira recente entre o design e a arte, Tiago Braga, estão em galerias sofisticadas e com criações exclusivas entre almofadas e luminárias. Além disso, Braga, que lidera o ateliê Oiamo, em Porto Alegre, têm a chance de entrar em ramos de atacado que distribui produtos para varejo de alta decoração e arquitetura. “A

coleção traduz em gestos têxteis a força da natureza e a memória coletiva de comunidades locais ao reaproveitar fibras e técnicas manuais de referência cultural, práticas em gradual desuso e cada vez menos transmitidas às novas gerações”, traduz o designer. O publicitário participa esta semana da exposição *Héritage Culturel et Savoir-Faire*, na Embaixada do Brasil em Paris. O evento integra o circuito oficial da Paris Design Week e celebra os 200 anos das relações diplomáticas entre Brasil e França. Braga assina as criações pelo Oiamo e participa da mostra pelo terceiro ano consecutivo. A curadoria é de Pat Monteiro Leclercq e

produção do projeto *bref, design & art*. A mostra reúne iniciativas autorais que evidenciam a excelência do saber-fazer artesanal, da arte e do design como expressões vivas das culturas brasileira e francesa. É a terceira participação do gaúcho, que apresenta a série limitada *Sentinelas Douradas*, criadas para a mostra. São luminárias-escultura feitas com artesãs gaúchas. Os projetos combinam habilidades tradicionais como tricô, tear, crochê, bordado, cestaria e marcenaria, refletindo a essência da marca. As criações exploram a riqueza das fibras naturais, como algodão reciclado, madeira reaproveitada e a lã pura. A fusão desses elementos

e ambientes promove uma análise sobre a dinâmica entre o ser humano e seu entorno em constante transformação. As obras da Oiamo capturam o ritmo da paisagem cinza do extremo sul brasileiro e o clima frio, contrastando com o Brasil Tropical.

O designer estará na *Maison&Objet Paris 2025*, um dos mais prestigiados eventos de design internacional, integrando a exposição *Amuleto*, projeto da ApexBrasil com curadoria de Bruno Simões. Parte do circuito oficial da Paris Design Week, de 4 a 8 de setembro, no Parc des Expositions Paris Nord Villepinte. “Quero entender como é o comprador

na Europa e outros mercados. O apoio da ApexBrasil é importante para buscar mercado internacional. Exportar não é fácil, envolve muita coisa e a exigência é muito elevada, como na logística”, comenta ele. O gaúcho aposta que mercados como o do Oriente, com China e outros países, podem ser destinos dos seus trabalhos. “Eles têm muito interesse em trabalhos manuais, e o mercado norte-americano, que sempre teve interesse, está sofrendo o efeito do aumento das tarifas”, observa Braga. “Vou para aprender, para ver como exportar design assinado e galeria, entrando no mercado de peças seriadas para home decor.

## Braga resgata técnicas ancestrais e quase extintas

Tiago Braga é uma combinação de artista, designer e pesquisador, localizando seu trabalho entre o design e a arte, como ele define. “A peça não é só utilidade, mas sim contemplativa e sensorial”, define Braga, que tem origens em Osório, na área litorânea do Rio Grande do Sul. Também é na região repleta de lagoas que vem as raízes criativas, herdadas da avó costureira, do pai músico e da mãe professora e artesã. Essa influência o levou a cursar Comunicação Social e a se estabelecer na Capital, onde atuou como

diretor de arte, designer gráfico e cenógrafo. Após sua pesquisa acadêmica sobre design e sustentabilidade, o designer encontrou um novo propósito de vida. Movido por sua intuição e pelas experiências com coletivos de artesãos e artesãos gaúchos, ele fundou a Oiamo, abraçando um novo desafio. Com projetos premiados e reconhecidos internacionalmente, o fundador da Oiamo construiu uma trajetória pelas artes visuais, design, publicidade, literatura, teatro, artesanato, refletindo uma

constante busca por novas formas de expressão. Braga se distancia do estereótipo do gaúcho tradicional, frequentemente associado ao homem do campo em uma sociedade marcada pela segregação de gênero. Ele se baseia em conceitos como de “modernidade líquida”, de Zygmunt Bauman, sociólogo e filósofo francês. O pesquisador questiona a efemeridade contemporânea, desafiando interpretações sobre a tradição e propondo um olhar mais fluido e dinâmico para as identidades culturais.



LUFE TORRES/DIVULGAÇÃO/JC

Luminárias são tramadas por fios tingidos com macela, símbolo da flora

# Sua **Tag** sem mensalidade chegou!

Agora a Tag Banrisul também tem mensalidade **GRÁTIS** com todos os cartões de crédito Banrisul.

Com a Tag Banrisul, você passa direto em pedágios e estacionamentos. Peça\* a sua por apenas R\$ 20 e não se preocupe com mensalidades!

Tag com mensalidade grátis para todas as modalidades de cartão de crédito Visa e Mastercard.

Pague tudo na fatura e ganhe mais tempo para pagar estacionamentos e pedágios.

Peça pelo app Banrisul e controle tudo pelo celular.



Tag Banrisul com tecnologia Veloe.  
Isenção de 1 Tag por CPF e Cartão de Crédito Pessoa Física.  
\* Sujeito à análise da Veloe.

 **banrisul**

**Banrifone**  
Porto Alegre (51) 3210 0122  
Interior e Outros Estados 0800 541 8855

**SAC** 0800 646 1515  
**Ouvidoria** 0800 644 2200

Siga nossas redes sociais:



[banrisul.com.br](https://www.banrisul.com.br)